Este é para as minhas meninas:
Sonhem ainda mais alto.
Busquem o impossível.
E nunca, jamais, aceitem menos
do que aquilo que merecem.

NOTA DA AUTORA E AVISO DE CONTEÚDO

Querido(a) leitor(a), obrigada por quereres acompanhar a história do Derek e da Nora. Embora este livro tenha um tom leve e, por vezes, humorístico, importa referir que também aborda temas mais exigentes, como o diagnóstico tardio de dislexia e negligência parental. A narrativa inclui igualmente linguagem adulta e cenas de natureza sexual. Se preferires evitar esse tipo de conteúdo, recomenda-se que saltes o capítulo 34.

1
Nora

Às vezes, a vida é como uma caixa de chocolates, e, outras vezes, é como uma caixa de chocolates deixada ao sol o dia inteiro.

Parece que hoje é um daqueles dias em que o chocolate derrete e só traz desilusões. Não só pisei uma pastilha elástica com os meus sapatos preferidos a caminho do trabalho, como também abri o *e-mail* e encontrei uma informação maravilhosamente perturbadora.

— Truz, truz? — digo para a minha chefe, Nicole Hart, ao entrar com hesitação no seu escritório para lhe falar sobre o dito *e-mail*.

A verdade é que entrar neste escritório deixa-me sempre um bocadinho apreensiva, porque… bolas, esta mulher não está para brincadeiras. Não é por acaso que é a diretora da agência. Comigo até é simpática (à maneira dela), mas tem uma autoconfiança avassaladora que te faz querer usar um capacete e ter uma espécie de lugar seguro à mão quando ela fixa a atenção em alguém.

Como agora: está sentada à secretária com uma saia cinzenta impecável e uma blusa de seda, além de uns lábios carnudos pintados de vermelho e um cabelo loiro preso num rabo de cavalo alto e elegante, com uma curva perfeita na ponta. Mas todos estes atributos superficiais não passam de uma manobra de diversão. É nos olhos da Nicole que

se vê a verdade. Aquela ferocidade capaz de fazer gelar o sangue, felina e sempre alerta. É a sua perspicácia que faz dela a melhor agente do setor e que lhe permite fechar grandes contratos com clientes como o Nathan Donelson, o famoso *quarterback* da equipa da NFL da nossa cidade, os Los Angeles Sharks. Esta mulher é pura inteligência e dedicação. É uma inspiração.

— Por favor, diz-me que só estás a pedir para entrar e que isto não é o início de uma piada.

— Podia dizer-te isso, mas estaria a mentir.

A Nicole lança-me um olhar fulminante e eu sorrio. Já trabalha comigo há tempo suficiente para saber que não vou sair dali enquanto isto não acabar.

— Quem é? — pergunta, com a mesma disposição de quem está numa cadeira de dentista a fazer um tratamento de canal.

— Boa-disposição.

— Boa-disposição?

— Boa-disposição precisa-se. Que tal um sorrisinho para alegrar o teu dia? — digo, esboçando um enquanto entro no gabinete.

Ela ergue os olhos do teclado com uma postura elegante e os olhos percorrem-me de cima a baixo; desde o meu cabelo castanho-avermelhado até aos ténis amarelos, voltando finalmente ao rosto. A Nicole não deixa nada escapar. É uma assassina que acabou de identificar o ponto fraco do seu alvo. *Meu Deus, quero ser ela.*

Ignora por completo a minha piada incrível.

— Quantos pares desses ténis é que tens? — Refere-se aos meus ténis amarelos berrantes.

— Quatro. Calcei os vermelhos esta manhã, mas pisei uma pastilha elástica e tive de os trocar por estes. — Levanto o pé e abano-o com orgulho. — Cheiravam maravilhosamente bem, mas estavam a deixar um rasto pegajoso e nojento.

— Presumo que o Marty tenha feito algum comentário quando os viu. Queres que o ponha no lugar? — Está concentrada no teclado, mas, de alguma forma, consegue falar ao mesmo tempo que escreve.

O problema da Nicole é que ela é um cão que ladra… e morde muito. Mas só morde quem ameaça as pessoas de quem gosta. E, embora

goste de fingir que não significo nada para ela, já deixou bem claro que faço parte desse grupo de pessoas.

Franzo o nariz ao ouvir o nome do homem mais patético deste escritório. Não é que os outros sejam grande coisa, e nenhum deles parece gostar que eu me junte ao seu clube de machões, por mais pacotinhos de *Skittles* que eu deixe na copa, mas o Marty é, de longe, o pior de todos. *Um machista de primeira.*

Encolho um ombro.

— Só disse que, por alguma razão, o amarelo fere ainda mais a vista do que o vermelho e que eu devia pensar em investir o meu salário em roupa profissional.

— Concordo com a parte da cor — diz ela, lançando-me um olhar de soslaio. — Mas sou a única que pode criticar o teu estilo e não um tipo que não reconheceria um bom fato nem que lho atirassem à cara.

— E, nisso, tens toda a razão — respondo, animada. — Mas não foi por isso que cá vim.

Quando comecei a trabalhar aqui como estagiária da Nicole, há dois anos, ela não gostava nada do meu estilo descontraído. No entanto, neste último ano, fui promovida a agente associada e dei provas mais do que suficientes das minhas capacidades, o que, por milagre, me fez ganhar o respeito dela. Agora nunca me diz o que devo vestir. Em vez disso, manda toda a gente à merda por mim, já que tenho muita dificuldade em dizer coisas desagradáveis às pessoas.

Neste momento, estou a usar uma saia plissada azul-celeste, um *blazer* justo de manga três quartos com um padrão em espiga amarelo e branco e uma *T-shirt* dos Rolling Stones por baixo para dar aquele toque especial, e embora tenha a certeza de que ela detesta o conjunto, não diz nada. Às vezes, sinto falta dos dias em que ela dizia coisas como: «Pareces uma bibliotecária a tentar ser fixe.» É um prazer receber as provocações da Nicole.

— Avisa-me se o Marty voltar a dizer alguma coisa sobre a tua roupa. Será um prazer enfiar-lhe esses ténis amarelos onde o sol não brilha.

— E é por isso que tenho tanto medo de ti quanto te adoro, minha gloriosa deusa guerreira do trabalho. No entanto, acho que prefiro manter estes sapatos longe das partes íntimas do Marty. Vim ver-te porque quero falar sobre o *e-mail* que acabei de receber.

A Nicole finalmente para de digitar e vira a cadeira na minha direção com um longo suspiro de sofrimento. Cruza uma das pernas elegantes (e depiladas; sei disso porque, quando era estagiária, era eu quem marcava as consultas com a esteticista) sobre a outra e, em seguida, apoia o cotovelo na secretária para descansar o queixo sobre os dedos.

— Acho que pode ser um erro — continuo a falar, mudando o peso de uma almofadinha para a outra (é assim que chamo a estes sapatos de sonho) enquanto ela estreita os olhos na minha direção.

— Para de duvidar de ti própria, Mac. Estás pronta para dar este passo. Trabalhaste muito para chegar até aqui e mereces a promoção — afirma com aquele tom direto e sem rodeios.

Ela tem razão. Trabalhei mesmo muito e, sem querer estar aqui a gabar-me, sinto que mereço esta promoção. Na verdade, tenho sonhado com isto a vida toda, desde que ia visitar o meu pai aos fins de semana e me sentava com ele no sofá a ver qualquer desporto que estivesse a dar na televisão naquele momento. Naquelas poucas horas, ele deixava-me fazer parte da vida dele e sentia-me ligada a ele. A proximidade com o meu pai não durou, mas o meu sonho de me tornar agente desportiva profissional perdurou ao longo do secundário, da universidade, do mestrado e dos estágios. É por isso que agora trabalho como agente associada da Nicole.

Não, o problema não é a promoção a agente a tempo inteiro sem qualquer acompanhamento.

O problema é que ela quer que me ocupe do Derek Pender, o *tight end* dos L.A. Sharks.

— Não é que esteja com dúvidas — digo à Nicole. — É mais… que já perdi a conta às vezes que pensei nisto. A este ritmo, bem que me poderiam dar o título de «especialista em indecisões». Tens a certeza de que o senhor Pender e eu nos vamos dar bem?

Não estou a perguntar o que realmente quero perguntar, mas a verdade é que não sei se devo contar-lhe toda a verdade ou guardá-la só para mim. Se há algo que a Nicole me ensinou é que, nesta indústria, é preciso saber com que cartas jogar, e o segredo está em não as revelar antes do tempo.

Mesmo assim, ela topa a meia-verdade e começa a bater com as unhas vermelhas na secretária.

— Estás uma pilha de nervos, consigo sentir isso daqui. O que é que me queres perguntar, afinal?

— Só estou preocupada que o Derek tenha ouvido dizer que se ia reunir com um *Mac* e não com a *Nora Mackenzie* e que esteja à espera de outra pessoa. — É verdade, embora não seja toda a verdade. Aperto um bocadinho mais as cartas contra o peito.

— Queres ter a certeza de que ele não está à espera de um homem, é isso?

Não exatamente. Quer dizer… também. No escritório, toda a gente me chama Mac por causa do meu apelido. Não adoro, mas já me habituei. A triste realidade é que, no nosso setor, as pessoas com quem trocamos *e-mails* costumam dizer «sim» com mais frequência quando pensam que sou um homem. Os homens mais misóginos estão ligados ao mundo do desporto (cof, cof, Marty) e as mulheres têm de trabalhar o dobro para ganharem o mesmo respeito. É uma chatice.

— Só quero saber se me podes dizer exatamente o que comentaste com o Derek, quer dizer, com o senhor Pender, sobre mim. É que… parece bom demais para ser verdade que ele esteja disposto a assinar com uma agente novata e quero ter a certeza de que está a par de tudo.

Ela acena com a mão para desvalorizar a importância do assunto.

— Não te preocupes. Falei usando pronomes femininos e disse-lhe que eras nova, mas que foste formada por mim e que, por isso, ele pode ficar descansado porque foste treinada pela melhor. — *A confiança desta mulher é fascinante.* — E que, se fosse esperto, ficaria contigo antes que tivesses a oportunidade de ir impulsionar a carreira de outro atleta.

O meu coração estremece de alegria. Ela disse-lhe mesmo tudo aquilo? A sério? A Nicole não é de andar por aí a fazer elogios assim sem mais nem menos, por isso, até agora, não fazia ideia de que pensava isso de mim.

— Uau… obrigada — digo, tentando não me emocionar, mas é mais forte do que eu. Aperto os lábios e ela percebe porquê.

O nariz dela enruga-se, num esgar de desagrado.

— Vais começar a chorar?

Mantenho os lábios selados e abano a cabeça, embora já sinta as lágrimas a acumularem-se nos olhos. Ai, não, estão a chegar às pestanas. Isto vai descambar.

Ela deixa escapar um gemido e vira o rosto para o portátil.

— Nada de emoções no meu escritório, já sabes disso. Eu acredito em ti e não me importo de te dar um empurrãozinho para o sucesso, Mac. — Volta a digitar enquanto fala. Como é que ela consegue? — O Derek Pender vai ter vários obstáculos pela frente nos próximos meses. A carreira dele está na corda bamba e é possível que tenhas de lidar com uma transferência ou uma renegociação do contrato. Vais ter de controlar os rumores negativos que os meios de comunicação irão, sem dúvida, tentar espalhar à medida que a época se aproxima. Estás preparada?

Pronto, agora esta situação toda está a dar-me vontade de rir que nem uma doida por causa dos nervos, porque a resposta é *não*; não estou minimamente preparada. Mas não porque ache que não sou capaz de lidar com essas coisas. Pelo contrário, a ideia de ter de enfrentar obstáculos importantes logo no início da minha carreira deixa-me genuinamente entusiasmada. É a *antecipação*. Adoro um bom desafio. E dado que o Derek Pender — o *tight end* mais lendário do futebol americano da nossa geração — regressa esta época após ter sofrido uma lesão no tornozelo que deveria ter posto fim à sua carreira, este é o maior dos desafios.

Não, o problema não é esse. O problema é que não estou preparada para voltar a encará-lo. O homem com quem continuo a sonhar, quando claramente já não o devia fazer.

Pisco os olhos para conter as lágrimas.

— Obrigada, Nicole. Estou muito entusiasmada com esta oportunidade. Devo-te a minha amizade e o meu amor eterno. — Até tenho vergonha de admitir o quanto gostaria que ela correspondesse à minha amizade.

Só que ela diz:

— Guarda lá o discurso sobre o amor e a amizade para outra altura. Não te estou a fazer favor nenhum; mereceste-o. Sabias que, na história desta empresa, nunca tivemos um colaborador que fechasse tantos acordos como tu? Além disso, és a primeira a conseguir um novo jogador para a minha carteira por mérito próprio.

Bem, tecnicamente, isso foi um acidente. Encontrei um jogador de basquetebol universitário no supermercado e disse-lhe que tinha uns ténis muito giros e que tinha feito um jogo fenomenal na semana anterior. Uma coisa levou à outra e, na segunda-feira de manhã, ele já estava no escritório da Nicole a assinar um contrato. Era um tipo supersimpático, na verdade. Bateu com a cabeça na ombreira da porta ao sair.

— Mas, agora — continua a Nicole —, vamos mesmo ver aquilo de que és feita, porque vais estar por tua conta no mundo implacável da representação de atletas profissionais, e aqui não há margem para erros.

Nada intimidante. Não me agrada nem um bocadinho.

— Está bem, não me estás a fazer um favor, mas queres que sejamos melhores amigas. Entendido. — Acrescento enquanto me despeço com uma saudação militar. Depois, agradeço por ela estar a olhar para o computador e não ter visto aquele gesto, porque só teria conseguido irritá-la ainda mais. E a verdade é que quero mesmo cair nas boas graças da Nicole. Porque, embora adore que a minha mãe seja a minha melhor amiga (é a pessoa mais fixe que conheço), começo a achar que está na hora de fazer novos amigos.

Para ser sincera, fazer amigos até é fácil. O difícil é mantê-los.

Saio do escritório da Nicole e, milagrosamente, consigo atravessar o corredor e voltar ao meu escritório — se é que se pode chamar-lhe isso, já que mais parece uma arrecadação com uma janela do tamanho de um olho de boi — sem que o Marty e os seus capangas me confrontem. Já no escritório, como sempre, encosto as costas à parede para passar pelo lado da secretária e chegar à cadeira.

Decidida a transformar este dia de chocolate derretido numa deliciosa chávena de chocolate quente, começo a reorganizar a secretária, porque nada me dá mais ânimo do que pôr as coisas todas em ordem e organizá-las por cores. Assim que o meu mundo parece um pouco mais estável, abro a caixa de entrada e volto a ler «o *e-mail*». Continuo convencida de que é um erro. Uma alucinação. Um pesadelo.

A qualquer momento, eu, Nora Mackenzie, irei acordar e as minhas sapatilhas vermelhas favoritas não terão uma pastilha elástica colada à sola, nem a minha grande oportunidade profissional dependerá *dele*.

Mac,

Temos excelentes notícias. A Nicole e eu estamos muito impressionados com o teu trabalho ultimamente (sobretudo com o contrato que conseguiste fechar em nome dela enquanto estava doente) e achamos que estás mais do que preparada para passares a ser agente a tempo inteiro.

O Derek Pender, o *tight end* dos Sharks, precisa de um novo representante. Certamente já sabes que ele é nosso cliente, mas, infelizmente, o Bill Hodge, que o tem representado ao longo dos sete anos em que o Derek está na NFL, está a passar por alguns problemas de saúde (não vamos entrar em detalhes) e demitiu-se com efeito imediato. Por isso, é necessário encontrar um novo agente para o Sr. Pender o mais rapidamente possível. A Nicole não pode aceitar mais clientes, mas transmitiu-lhe a sua confiança em ti enquanto agente e ele está disposto a encontrar-se contigo para ver se se dão bem. Ele virá hoje à uma da tarde. Embora todos estejamos cientes dos obstáculos que irá enfrentar quando a época começar, continua a ser um excelente atleta para a tua estreia. Parabéns!

— Joseph Newman,
proprietário e diretor da
Sports Representation Inc.

O *e-mail* em si é perfeito. Encorajador e um resumo fantástico daquilo com que sempre sonhei para a minha carreira. O problema é que estou convencida de que o Derek não sabe com quem vai ter de se encontrar mais tarde. Se soubesse, não teria aceitado.

Porque a última vez que vi o Derek, o meu namorado da época da faculdade, foi no dia em que acabei com ele.

2
Derek

Entro em casa, pouso o recipiente com sopa de *takeaway* na bancada, lanço um olhar ao quadro branco que está no canto da sala e viro-me imediatamente para trás.

— Nem pensar — digo, a caminho da porta.

Doente, uma ova. O Nathan, o meu amigo e colega de equipa, enviou-me uma mensagem esta manhã a dizer que ele e a mulher, a Bree, estavam muito doentes e a perguntar-me se lhes podia levar um pouco de sopa, sabendo que sou incapaz de rejeitar um pedido quando alguém precisa de mim. Só que agora, vendo-o ali parado junto ao quadro branco com os meus outros três amigos, parece rijo que nem um pero, já para não falar no sorriso de gozo estampado na cara.

O Lawrence atravessa-se no meu caminho quando tento recuar, e isso ajuda-me a ter uma ideia do que significa enfrentá-lo — o nosso pilar esquerdo — em campo.

— Ouve-nos primeiro, Derek.

— Nem pensar! Fizeram-me vir cá enganado, não para o que quer que seja que pretendam com esta intervenção — digo, apontando para o quadro branco que tenho atrás de mim.

— Vá lá, meu. Chegou a hora. — O Jamal adora o som da própria voz. — Além disso, depois do que encontrámos na tua mesa de cabeceira, não podes negar que é isto que queres.

— Não, não chegou a hora e não é o que eu quero.

Aproximo-me do Jamal com um ar ameaçador para lhe arrancar o marcador de tinta permanente das mãos. Em seguida, apago agressivamente as palavras «Arranjar uma esposa ao Derek» da parte superior do quadro branco. Quadro esse que, há dois anos, quando o usámos para ajudar o Nathan a sair da «zona de amigos» com a sua melhor amiga (e agora esposa), Bree, se tornou um elemento essencial em todas as sessões importantes de planeamento de vida do nosso grupo de amigos. E atenção: adoro passar o dia sentado no sofá com estes tipos enquanto traçamos estratégias detalhadas para todos os seus planos de vida amorosa enjoativos, mas tentem usar isso comigo e pego fogo ao quadro até o reduzir a cinzas.

— Não quero casar. E é a última vez que vos aviso para não tocarem no assunto da minha mesa de cabeceira antes que isso tenha consequências reais, como o vosso rosto ficar um pouco menos atraente no início da temporada.

Nunca lhes devia ter dado uma chave de casa enquanto estive fora da cidade, mesmo que as plantas precisassem de ser regadas. Claro que iam andar a cuscar. Ultrapassar os limites faz parte da natureza deles.

Mas esta palhaçada do quadro branco já é demais. Eu sei porque estão a fazer isto; não me enganam com aqueles sorrisinhos tensos e cheios de pena que me lançam. Ultimamente, tenho-me isolado demasiado, recusado vários convites para jantar, nunca saio à noite com eles e, claro, não tenho encontros. Resumindo, sou exatamente o oposto do que costumava ser e eles acham que uma relação seria a solução para me tirar deste buraco. E talvez tenham razão em preocupar-se. Já não sabem quem sou nem como lidar comigo. E a verdade é que eu também não sei.

Não me sentia tão perdido desde os tempos em que era um miúdo desajeitado e desengonçado do oitavo ano, sempre a ter péssimos resultados na escola, com dificuldade em fazer amigos que não se rissem de mim impiedosamente depois de me ouvirem ler em voz alta e que vivia

apenas à sombra da minha irmã mais velha, a Ginny, que era a preferida de toda a gente. Ela tinha sempre notas excelentes sem sequer se esforçar, e suponho que seja por isso que agora é médica. Enquanto a Ginny se destacava, eu tinha de lutar o dobro. Discutia constantemente com os meus pais por causa das notas e ouvia vezes sem conta a mesma frase: «Porque é que não te aplicas de uma vez e deixas de fazer palhaçadas, Derek?»

Só há poucos meses é que finalmente percebi o que aquelas supostas «palhaçadas» eram… dislexia. Certa noite, estava deitado na cama a fazer *scroll* pelas redes sociais quando me deparei com um vídeo de um rapaz a falar sobre como era viver com dislexia. Fiquei em choque, porque tudo o que ele descrevia era exatamente o que eu também tinha vivido. Arranjei rapidamente uma consulta com um especialista em dificuldades de aprendizagem e, após os testes, confirmou-se.

Sou disléxico.

Era por isso que me custava tanto ler e escrever e que demorava o dobro do tempo em relação aos outros miúdos. Daí a minha dificuldade em processar certas palavras. E era por isso que ficava para trás. Nunca fui avaliado na adolescência porque venho de uma família que acreditava piamente que só tinha de me esforçar mais. Mas, na verdade, eu era o que mais se esforçava. Nunca consegui perceber por que razão isso não era suficiente. Porque é que não compreendia o que lia nos livros escolares como todos os outros. E essa distância entre mim e os meus pais foi crescendo até eu acabar por odiar a escola por completo.

Mas depois… descobri o futebol americano no nono ano. Entrei naquele campo e foi como se tudo finalmente começasse a fazer sentido. Era muito bom naquilo, tinha um dom inato. E, com o passar dos anos, fui ficando cada vez melhor. Cresci até atingir um metro e noventa e cinco e os meus músculos desenvolveram-se de uma forma diferente da dos restantes rapazes à minha volta. De repente, comecei a ter muito sucesso com as raparigas. Os professores começaram a facilitar-me a vida. Os meus pais tinham orgulho em mim porque, tal como a Ginny, eu estava a construir uma reputação. Tinham um novo motivo para se gabarem perante os amigos.

No fundo, ninguém queria saber assim tanto das minhas notas miseráveis ou das dificuldades que continuava a ter na escola, porque era óbvio que eu iria jogar futebol americano na universidade e depois chegar à NFL. Por isso, que importância tinha tudo o resto?

E foi exatamente isso que aconteceu.

Consegui acabar o secundário por um triz, mas bati todos os recordes da equipa universitária como *tight end*. Na faculdade, recebi muito mais facilitismos por parte dos professores do que gostaria de admitir, mas consegui formar-me e depois fui selecionado na primeira ronda do recrutamento. Joguei duas Super Bowls e fui eleito o Jogador Mais Valioso. Namorei com estrelas de cinema, comprei uma casa nova para os meus pais e, como presente de fim de curso, paguei à minha irmã o empréstimo que ela tinha contraído para poder pagar a faculdade de Medicina.

Só quando parti o tornozelo em campo, no final da época passada, e tive de ser operado é que a minha identidade mudou. Tenho dependido da minha carreira profissional há tanto tempo para me sentir seguro e aceite que nem sei quem raio seria sem ela. O que é que todos vão pensar de mim quando já não for capaz de fazer a única coisa em que sou realmente bom? Vão achar que sou um *inútil*.

Este seria o pior momento para tentar iniciar uma relação. Sobretudo quando o Collin Abbot — que me substituiu nos dois últimos jogos da época passada — deixou toda a gente de boca aberta. Agora, os rumores cercam-me como piranhas. Dizem que ele vai ficar com o meu lugar esta época. Tenho tudo a perder… e nada de permanente para oferecer a quem quer que seja.

— Derek, não sejas idiota e deixa-nos ajudar-te a encontrar o amor e a felicidade — diz o Nathan.

— Não é a altura certa — respondo, em vez de lhe dizer que, na minha cabeça, o «amor» e a «felicidade» não têm absolutamente nada que ver uma coisa com a outra e que ele bem pode enfiar as opiniões onde o sol não brilha.

Só considerei a ideia de casar com uma mulher. A única que senti que me amava verdadeiramente pelo que eu era fora do campo. Foi antes de conhecer estes quatro palhaços a quem chamo de colegas de

equipa — menos carinhosamente conhecidos como «amigos» —, e digamos que a experiência de saber o que é ser amado e abandonado me satisfez o suficiente para nunca mais querer voltar a repetir. Nunca falei dela aos meus amigos. Eles nem fazem ideia de que essa mulher é a razão pela qual agora a ideia de ter uma relação duradoura me repugna.

— Porquê?

O Nathan Donelson é o *quarterback* da nossa equipa, os Los Angeles Sharks, e demos-lhe a alcunha carinhosa de «Paizinho», em homenagem à sua liderança e sabedoria. E foi precisamente por isso que, depois de ele se ter casado há dois anos com a sua melhor amiga, a Bree, o resto dos rapazes se apressou a seguir-lhe o exemplo. O Jamal casou-se com a Tamara, e o Lawrence, com a Cora; e ambos os casais chegaram mesmo ao ponto de se casarem em Las Vegas sem avisar ninguém, tal como o Nathan e a Bree, porque aqueles dois tinham conseguido fazer com que parecesse um maldito conto de fadas. Mas, para mim, o casamento é o ponto em que deixo de o seguir como uma ovelha.

Sou o único dos cinco que ainda não usa aliança… e tenciono continuar assim.

— O Pender está é cheio de medo — intervém o Jamal Mericks, o *running back* da nossa equipa e a minha autoproclamada dor de cabeça, arrancando-me o marcador da mão para desenhar um bebé gigante com uma chupeta no quadro branco. E, caso houvesse dúvidas sobre quem o bebé representava, escreve o meu nome com uma seta enorme a apontar para ele.

Mostro-lhe o dedo do meio.

— Muito maduro. Só estás a provar o meu argumento. — Dá umas pancadinhas com o marcador no desenho do bebé.

— Já chega de discussões por hoje — declara o Lawrence, que é, sem dúvida, o mais bem-disposto do grupo, mas também o mais agressivo em campo. Ninguém diria dada a forma como fica todo eriçado quando nos vê discutir. Também é o único dos presentes que me faz parecer baixo. Tenho um metro e noventa e cinco, e, mesmo assim, o Lawrence consegue ser muito mais alto do que eu.

Ele passa por mim e pelo Jamal com um empurrão para apagar novamente o quadro.

— Jamal, ainda não consegui perceber como é que alguém com um ego tão grande conseguiu arranjar uma mulher. E tu, Derek, começo seriamente a duvidar de que fosses capaz de encontrar uma mesmo que tentasses.

— Que rude — dizemos eu e o Jamal em uníssono, antes de nos virarmos para trocar um olhar assassino perfeitamente sincronizado.

A nossa relação é de amor e ódio. Ou seja, mais do que tudo, adoro odiá-lo.

— E se, em vez de tentarem forçar o Derek a engolir as vossas ideias românticas, fizessem algo construtivo e viessem ajudar-me? — grita o Price da sala de estar, onde está estendido no chão rodeado por um milhão de pecinhas de plástico com as cores do arco-íris. Acho que, quando estiver montado, aquilo deverá ser uma espécie de… brinquedo onde os bebés podem saltar e brincar.

O Jayon Price é o resmungão do grupo e o *wide receiver* da equipa. Deixou-nos de boca aberta quando foi o primeiro do grupo a anunciar que ia ser pai. Eu apostava que seria o Nathan, mas enganei-me. A Hope, a mulher do Price, está no último trimestre da gravidez e nunca vi o meu amigo tão feliz.

Bem, neste momento, não parece muito feliz. Está a tentar encaixar uma peça de plástico flexível noutra peça de plástico, mas estas não encaixam. Tem os bíceps prestes a rebentar com a força que está a fazer.

— Por que raio é que estas porcarias não vêm já montadas?

Atira a peça em questão para o outro lado da sala e eu agacho-me mesmo a tempo de evitar ser atingido na cara por uma abelha de plástico.

— A verdadeira questão é — diz o Jamal, que se aproxima para olhar para a caixa onde vinham as peças — porque é que estás a montar isso agora?

O Price fica de boca aberta.

— Porque não o faria? A Hope nasce daqui a uns dois meses.

Escapa-me uma gargalhada que mais parece um grunhido.

— Meu, a miúda ainda vai demorar imenso tempo até poder usar isso. — Aponto para a caixa. — Na parte de trás diz que é para fortalecer as pernas e as costas do bebé para que comece a andar.

O Price deixa cair as instruções e olha para nós, um por um, com uma expressão no rosto que não augura nada de bom.

— Se contarem isto à Hope, estão todos mortos. Ela já anda stressada porque não fazemos a mínima ideia do que estamos a fazer, não quero que fique ainda mais nervosa quando descobrir que me pediu para montar um brinquedo para uma criança de oito meses.

A verdade é que adoro poder passar por todas estas fases da vida com os meus amigos. É por isso que tenho de voltar ao campo completamente recuperado, porque há uma parte de mim que se preocupa com o facto de me poderem dispensar… *enfim, não importa*. Não quero pensar nisso agora.

O Nathan acena com a cabeça.

— Nós ajudamos-te a montá-lo, até porque a tua mulher grávida me deixou aterrorizado na semana passada, quando ameaçou cravar-me os dentes do garfo na mão se eu comesse o último *brownie*. Se aquela mulher quer que montemos o andarilho do bebé dela vários meses antes do tempo, nós montamos. — Depois, volta-se novamente para mim. — Mas… ainda não terminámos a nossa conversa sobre a tua vida amorosa.

— Ah, acabámos pois — respondo enquanto recuo para a cozinha e pego nas chaves que deixei em cima da bancada. — Deixa-me a mim e à minha vida de solteiro em paz e vai comer a tua sopa, seu parvalhão mentiroso. Vou-me embora.

— Ninguém vai a lado nenhum! — diz uma voz feminina da soleira da cozinha. Ergo os olhos e vejo que a Bree, a mulher do Nathan, apareceu como por magia e pretende usar o próprio corpo como barreira humana, já que esticou os braços e agarrou-se ao batente da porta para me impedir de sair. Deve ter acabado de vir do estúdio de dança, porque está a usar um *body* preto e umas calças de fato de treino cinzentas, o seu uniforme habitual. — Já lhe falaram do plano?

O Nathan grita da sala:

— Sim, mas ele não quer casar.

A Bree fica de boca aberta.

— Nunca?

Parece pessoalmente ofendida com a minha decisão. Não tenho nada contra o casamento alheio, apenas… não é para mim. Pelo menos, já não.

Encolho os ombros e faço girar as chaves com um dedo enquanto olho para a mulher que agora vejo como a minha irmã mais nova.

— Desculpa, Queijo Bree, mas não é para mim.

— Bem, tudo bem… — Faz um gesto com a mão para minimizar o assunto. — Se não queres casar, não há problema. Mas pelo menos deixa-nos arranjar-te alguém.

— Obrigado, mas não. Nesse departamento, estou bem assim. — Caminho na direção dela, mas a Bree continua plantada à frente da porta.

— Não, não estás! Nem penses que não reparámos que tu, Derek Pender, não tiveste um único encontro desde que te lesionaste. Talvez aqueles grandes bebés que espreitam da esquina sejam demasiado cobardes para to dizer… mas o facto de já não saíres à noite é preocupante. Já para não falar do facto de não teres encontros nem andares a dar umas quecas com alguém! — Dispara toda esta ladainha como se o meu nome tivesse de ser sinónimo de todas aquelas coisas. E… bem, acho que antes era.

Viro a cabeça e, de facto, estão todos atentos ao que dizemos. No entanto, recuam um pouco quando olho para eles.

— Não há motivo para preocupações, malta. É só que, neste momento, estou totalmente focado na recuperação.

— Sim, mas a que preço? — pergunta a Bree, deixando cair ligeiramente os ombros.

Olho-a nos olhos.

— A sério, para de te preocupar. Estou bem. Juro.

Ela baixa os braços e revira os olhos.

— És insuportável, é o que és. Mas pronto, acho que mesmo assim te vou dar isto.

Enfia a mão na mala que tem pendurada ao ombro, e já sei o que vem aí: uma «breeganga». A Bree demonstra o seu carinho oferecendo miminhos esporádicos que a lembram dos amigos. Todos nós temos alguns. Ainda tenho uma caneca de café em forma de caveira que,

segundo ela, se parece com a tatuagem que fiz no antebraço, e um íman com o número oitenta e dois — o que tenho na camisola — que roubou do jogo magnético para aprender os números que as sobrinhas têm no frigorífico.

Hoje, tira algo que me deixa de boca aberta, embora seja impossível ela saber porque é que esse objeto em particular me causa tal impacto.

A Bree coloca-me um porta-chaves na palma da mão, e a única coisa que consigo fazer durante três respirações inteiras é olhar para a pequena taça de gelado coberta com pedacinhos de cereais. Sinto a pele do rosto a aquecer como se me tivessem apanhado com as mãos na massa.

— Porque é que me deste isto? — questiono num tom acusatório, como se ela tivesse andado a bisbilhotar o meu cérebro sem permissão. Como se soubesse todos os meus segredos e isto fizesse parte da intervenção que planearam.

— Porque… — O sorriso dela ganha um ar curioso. — Lembras-te de que, na festa de casamento do Lawrence, te embebedaste e fizeste aquele discurso tão engraçado? Disseste que a única coisa que querias comer para o resto da vida era gelado com cereais e que te entristecia imenso pensar que não poderias fazê-lo. Um dia destes vi na Internet uma loja que faz porta-chaves de resina em forma de gelado e os personaliza, por isso pedi-lhes que te fizessem este com cereais por cima.

Claro. Por causa do discurso. Os meus ombros relaxam um pouco quando percebo que a Bree não sabe nada sobre *ela*… sobre a Nora.

Ainda hoje, o grupo continua a rir-se daquele «discursinho tão engraçado» que fiz na festa. Acharam que estava tão incrivelmente bêbado que não parava de dizer disparates lamentáveis. E, sim, estava bêbado. Mas só porque não conseguia tirar a Nora da cabeça durante toda a cerimónia, a mulher com quem quis casar desde o dia em que a conheci. Não conseguia parar de pensar onde ela estaria naquele momento, nem de me perguntar pela milésima vez por que razão não fui suficiente para ela. Sim, não tínhamos nada que ver um com o outro. Ela era superinteligente e, além disso, muito motivada e focada nos estudos; já eu, por outro lado, não passava de um atleta com um distúrbio de aprendizagem não diagnosticado que era craque em festas.

Mas também éramos compatíveis em muitos aspetos. Adorávamos competir, transformávamos tudo num jogo divertido e sem sentido e divertíamo-nos com isso. Tínhamos uma química que nunca mais senti outra pessoa. Daquelas que te entram na corrente sanguínea e te mexem com a cabeça. E, como se não bastasse, ambos adorávamos desporto. Na verdade, ela sonhava em tornar-se agente desportiva. *Será que conseguiu?*

E o *snack* preferido da Nora: gelado com cereais por cima.

Ao que parece, em nenhum momento deixei transparecer que o discurso se dirigia ao meu coração partido ou à mulher que o tinha despedaçado. Apenas presumiram que naquela noite eu estava com um desejo incontrolável por doces. Deixei que continuassem a acreditar nisso porque prefiro que o meu passado com a Nora permaneça enterrado.

Fecho a mão em torno do porta-chaves e forço um sorriso.

— É verdade, já me tinha esquecido completamente. Obrigado… isto está engraçado.

A Bree franze o sobrolho, e tenho a certeza de que teria feito algum comentário sobre eu não ter achado piada nenhuma à coisa se o Nathan não tivesse aparecido ao virar da esquina e lhe tivesse passado os braços à volta da cintura. Estes dois conseguem ser enjoativos. São tão fofinhos que chega a ser exagerado.

— Vamos todos almoçar fora. Vens connosco? — pergunta-me o Nathan, ainda agarrado à Bree.

— Não posso, tenho uma reunião à uma da tarde. O Bill teve de se reformar por causa de um problema de saúde do qual não quis falar, por isso fiquei de me encontrar com um agente novo que a Nicole me recomendou.

E essa é outra. Sabes que a tua agência já não acredita muito na tua carreira quando tenta empurrar-te para uma novata qualquer. Imagina seres o melhor *tight end* do futebol americano profissional e levares uma placagem que te parte o tornozelo como se fosse um galho seco, teres de ser operado, e, agora, teres de te contentar com uma novata da agência que nunca teve um cliente na vida. Só não rejeitei a ideia na hora por dois motivos: primeiro, porque também já não tenho

muita certeza do meu valor, e, segundo, porque a Nicole, que é agente do Nathan desde o início da carreira dele e tem fama de ser a melhor na área, ma recomendou.

— A Nicole jamais te aconselharia mal. Se ela te diz para assinares com o tipo, então assina — diz o Nathan, que continua abraçado à Bree como se fosse uma boia salva-vidas e ele fosse afundar-se se o contacto físico cessasse.

Tenho inveja deles.

— Tipa — corrijo, desviando o olhar do casal feliz para voltar a girar as chaves à volta do dedo. — É uma mulher.

— Ui, pode ser que ela seja linda e solteira, e vocês se apaixonem perdidamente! — exclama a Bree, como se tivesse corações nos olhos.

Abano a cabeça.

— A sério, pessoal, vocês têm mesmo de parar com isso. Eu não quero ter uma relação.

— Isso é o que tu dizes agora, mas e depois de conheceres a mulher mais incrível do mundo?

Olho para o Nathan.

— Podes, por favor, pedir ao Cupido que se afaste para eu poder ir embora?